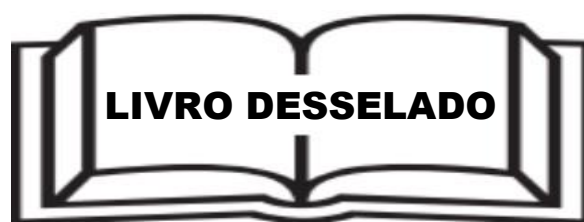


GRÁTIS



JESUS CRISTO VOLTA

REVELAÇÕES TEMPO DO FIM

A SÃ DOUTRINA

**COVID-19: MÁSCARAS E
GESTOS DE BARREIRA
SÃO INÚTEIS**

Fonte & Contacto:

Sítio Internet: <https://www.mcreveil.org>

E-mail: mail@mcreveil.org

Jesus Cristo é o Verdadeiro Deus E a Vida Eterna

E tu, Daniel, fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará. Daniel 12:4

***E ele disse: Vai, Daniel, porque estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim. Muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados; mas os ímpios procederão impiamente, e nenhum dos ímpios entenderá, mas os sábios entenderão.
Daniel 12:9-10***

**Antes de começar a ler este Ensinoamento,
Medita por alguns momentos sobre a seguinte pergunta:**

Onde vais passar a tua Eternidade?

No Céu?

Ou

No Inferno?

**O Inferno é Real, e é Eterno.
Pense nisso!**

Boa leitura! Que Deus se revele a vós!

Advertências

Este livro é gratuito e não pode de forma alguma constituir uma fonte de comércio.

É livre de copiar este Livro para a sua pregação, ou de o distribuir, ou também para a sua Evangelização em Redes Sociais, desde que o seu conteúdo não seja modificado ou alterado de qualquer forma, e que o website mcreveil.org seja citado como a fonte.

Ai de vós, gananciosos agentes de satanás que tentarão comercializar estes ensinamentos e testemunhos!

Ai de vocês, filhos de satanás que gostam de publicar esses ensinamentos e testemunhos nas Redes Sociais enquanto escondem o endereço do site www.mcreveil.org, ou falsificam seu conteúdo!

Saiba que você pode escapar da justiça dos homens, mas certamente não escapará do julgamento de Deus.

**Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do Inferno?
Mateus 23:33**

Queridos Leitores,

Este Livro é atualizado regularmente. Recomendamos que descarregue a versão atualizada do Sítio www.mcreveil.org.

Gostaríamos de assinalar que este Ensinamento foi escrito em Inglês e Francês. E para torná-lo disponível para o maior número de pessoas, utilizámos programas informáticos para traduzi-lo para outros idiomas.

Se encontrar erros no texto traduzido para o seu idioma, por favor, avise-nos para que possamos corrigi-los. E se quiser honrar a Deus e fazer avançar a obra de Deus traduzindo os Ensinamentos para o seu idioma, sinta-se à vontade para nos contactar.

Boa Leitura!

COVID-19: MÁSCARAS E GESTOS DE BARREIRA SÃO INÚTEIS

(Atualizado em 05 06 2024)

Queridos irmãos e queridos amigos, gostaríamos de vos disponibilizar a transcrição de uma entrevista que o treinador de saúde natural, Jérémie Mercier, fez com o investigador canadiano, Professor Denis Rancourt, sobre o tema das máscaras e outras chamadas medidas de barreira. Como poderão ver, o Professor Rancourt demonstrou a total inutilidade das máscaras e das chamadas medidas de barreira. Ele junta-se assim a muitos outros pesquisadores que não param de alertar o mundo inteiro contra o plano diabólico dos líderes luciferianos deste mundo, que criaram a pandemia de Covid-19 para exterminar o mundo.

Transcrição da Entrevista

Jérémie Mercier: Olá a todos, olá a todas! Este é Jérémie Mercier. Hoje, tenho o prazer de dar as boas-vindas ao pesquisador canadense Denis Rancourt, que é pesquisador da Ontario Civil Liberties Association e que recentemente escreveu um artigo de grande impacto. Este é o seu artigo "Masks Don't Work", que significa "máscaras não funcionam". Então, ele está falando sobre máscaras cirúrgicas ou máscaras FFP2 que as pessoas usam hoje na esperança de se proteger da infecção de Covid. Olá Denis Rancourt.

Denis Rancourt: Olá, é bom estar aqui.

Jérémie Mercier: Vamos falar sobre este estudo que tem causado muito barulho. Em que consistiu este estudo? E quais foram as suas conclusões?

Denis Rancourt: Então fiz uma revisão dos artigos científicos. Procurei todos os estudos comparativos que tinham sido feitos de forma rigorosa, aquilo a que chamamos em inglês de "randomized controlled trials", que comparavam a probabilidade de ser infectado por um vírus que provoca uma doença respiratória quando se usa uma máscara versus quando não se usa uma máscara. E estudámos dois tipos de máscaras: máscaras cirúrgicas e também máscaras com poros muito pequenos, a que se chama - penso eu - FFP2.

Jérémie Mercier: É isso, sim!

Denis Rancourt: E assim analisei todos estes estudos. Tem havido muitos. Há muitos estudos deste tipo nos últimos 5-10 anos, pelo que existe uma literatura bastante consistente e há mesmo estudos que são meta-análises de estudos comparativos. E baseei-me em todos estes estudos onde verificámos por medição laboratorial que tinha de facto havido uma infecção, em vez de simplesmente confiar no que se chama "auto-relato" onde dizemos "sim, eu tinha sintomas, esse tipo de coisa" porque está bem estabelecido que quando o fazemos dessa forma, é tão tendencioso que não tem qualquer valor. Por isso, contei apenas com estudos bons e rigorosos. Tem havido muitos, e não há nenhum em todos os estudos... Não há nenhum benefício em termos de redução do risco de contrair uma doença viral respiratória.

Jérémie Mercier: Quer se trate de uma máscara cirúrgica ou de uma máscara FFP2. Estamos de acordo?

Denis Rancourt: Exactamente, quer seja com um ou com outro. E há também estudos que não comparam o que acontece sem uma máscara, mas que comparam os dois tipos de máscaras. Estes estudos também não encontram diferença de uma máscara para a outra, apesar de as máscaras serem fisicamente muito diferentes.

Jérémie Mercier: Por isso, gostaria de dizer: "Isto é um terramoto", para todas as pessoas que hoje estão convencidas da utilidade da máscara, porque o governo francês e muitos governos em todo o mundo, muitas agências de saúde recomendam o uso de uma máscara, ou mesmo exigem-na em certas circunstâncias.

Denis Rancourt: Os estudos científicos são claros; tem havido vários grandes estudos em hospitais, instalações de cuidados de saúde e em ambientes comunitários. Não há nenhum estudo que detecte qualquer vantagem em relação a este tipo de doença quando se usa uma máscara, e além disso, é bem sabido, a World Health Organisation...

Jérémie Mercier: A Organização Mundial de Saúde.

Denis Rancourt: É isso, eles dizem-no claramente. Não recomendam que as máscaras sejam utilizadas num contexto público. E declaram explicitamente que não existem estudos científicos que tenham demonstrado um benefício em tais situações. Portanto, é claro tanto na literatura científica e nas organizações internacionais mais reputadas. Não há vantagem em ter uma máscara numa situação como essa.

Jérémie Mercier: Portanto, dois segundos, isso significa que também não há benefício para o público, por isso as pessoas que querem evitar... o cidadão médio que quer evitar ser infectado. Mas também não há qualquer benefício para os prestadores de cuidados que, em França, têm vindo a clamar por máscaras para se protegerem. Mesmo para eles, não é eficaz nas suas condições?

Denis Rancourt: Eu diria especialmente para eles, porque a maioria dos estudos foram feitos em ambientes hospitalares e de cuidados de saúde, onde as pessoas...onde tratam os pacientes, onde há muitas pessoas infectadas com todo o tipo de coisas. E não há nenhum benefício que possa ser detectado em qualquer destes estudos.

Jérémie Mercier: Então isso significa que os cuidadores que pediram estas máscaras estavam de facto a pedir uma ilusão de segurança, certo?

Denis Rancourt: Sim, e foi puramente política laboral, se quiser, pedir estas máscaras. Não é.... não se baseia num estudo científico.

Jérémie Mercier: Tá bom, e não há situação: transporte, lojas, escolas que justifiquem o uso de uma máscara, então?

Denis Rancourt: Não! Isto quer dizer que os estudos, todos os estudos que foram feitos não mostram nenhuma vantagem. Agora, fizeram um estudo numa escola específica? Não. Está a perceber o que quero dizer? Há tantas circunstâncias, mas em todas as circunstâncias em que foi testado, seja em

peessoas, em circunstâncias comunitárias, em todas as circunstâncias, eles não encontraram qualquer benefício. Portanto, esta é a primeira coisa. Depois disso, em segundo lugar, podemos colocar-nos a questão: "Mas porquê, porque é que as máscaras não funcionam"? E essa é uma questão diferente e separada. Há o resultado estatístico rigoroso de que não há nenhum benefício estatístico. Mas depois disso, há a questão: "mas como podemos entender isso?" E penso que só pode fazer essa pergunta se tiver alguma ideia de como a doença é transmitida. É preciso conhecer o modo de transmissão para se poder falar inteligentemente sobre como se pode impedir essa transmissão. E o que tem acontecido nas últimas décadas é que chegámos a compreender a natureza da transmissão deste tipo de doença. Sabemos agora, e isto foi estabelecido com o trabalho de Shaman et al. em 2010, que estas são doenças que se propagam por partículas muito finas, os mais pequenos grupos de partículas de aerossol que se encontram suspensas no ar. E assim, há partículas que transportam vírus que estão suspensas no ar por muito tempo. As mais pequenas destas partículas são o modo de transmissão. Não são as partículas maiores que se ejectam quando se fala ou espirra. Não são estas partículas que são importantes em termos de vectores de transmissão, mas sim as partículas finas do aerossol...

Jérémie Mercier: Quem não são parados pelas máscaras, portanto!

Denis Rancourt: Que não são detidas pelas máscaras e que não podem ser detidas pelas máscaras, de acordo com o que sabemos sobre a física e a natureza dos fluidos que transportam tais partículas. Porque as máscaras têm um diâmetro de poro que pode ser pequeno em comparação com as máscaras mais eficientes: 0,3 micrómetros, mas ainda há partículas de aerossol que podem ser mais pequenas do que isso. Isso é uma coisa. E em segundo lugar, este poro não é a questão importante porque não é - em inglês dizemos o "bottleneck" -, há sempre aberturas maiores entre o pulmão e o exterior, mesmo quando se usa uma máscara, quando se tenta usá-la bem. Há sempre rugas na pele que criam aberturas. Há sempre imperfeições na pele que criam aberturas. Há sempre um posicionamento da máscara que não é perfeito. Movimenta-se a máscara porque não é confortável. Mesmo os profissionais de saúde que são treinados para usar máscaras correctamente, etc., são conhecidos por mover a máscara e ajustá-la, etc. Máscaras envelhecem, podem ser esticadas, podem ser desgastadas, podem ser dobradas por acidente. Portanto, há falhas. Há poros que são maiores que outros. Existem necessariamente aberturas muito maiores do que o diâmetro dado pelo fabricante para os poros do material da máscara.

Jérémie Mercier: Isto significa que teoricamente, as máscaras poderiam ser úteis. Mas, na prática, não é possível que sejam úteis porque haverá sempre um defeito, seja no encaixe ou no próprio material, o que significará que as partículas virais passarão de qualquer forma.

Denis Rancourt: Sim, eles sempre passarão. Agora poderiam ter um efeito, mesmo que a maioria das partículas que nos transportam e poderiam infectar fossem maiores do que, digamos, o diâmetro dos poros, o que acontece? Uma partícula cola-se à máscara. Evapora-se então quando se respira e as partículas do vírus são libertadas e acaba-se por as respirar? Não sabemos isso. Não tem havido estudos para responder a essa pergunta. Então não sabemos em detalhe

o mecanismo, porque é que as máscaras não funcionam? Mas sempre que foram feitas medições, quando a infecção é verificada, não funciona. Não há qualquer benefício. Todos os estudos sobre máscaras que simplesmente demonstram que uma máscara pode parar gotículas ou parar partículas grandes são irrelevantes porque estas partículas grandes caem muito rapidamente, não são partículas aerossóis reais que fazem parte do fluido do ar, que é o verdadeiro modo de transmissão desta doença. É por isso que a doença é hiper contagiosa e é por isso que a doença penetra profundamente nos pulmões porque respira como ar e penetra profundamente nos pulmões. Esta é a natureza de todos estes tipos de doenças. Assim, dado este modo de transmissão, que agora é compreendido e conhecido, podemos imaginar porque é que as máscaras não podem funcionar. Deve também dizer-se que existem muitos estudos científicos que são utilizados indiscriminadamente, os quais não são estudos realmente relevantes. Por exemplo, se eu fizer um estudo que mostre que quando espirro, as gotículas não se espalham mais do que... elas cairão rapidamente dentro de um ou dois metros, isso não é relevante para essa doença porque esse não é o modo de transmissão. O vector de transmissão são realmente as partículas de aerossol transportadas pelo ar que fazem parte do fluido. Todas as gotículas que caem rapidamente, que são maiores, que são extraídas pela gravidade, não têm qualquer relevância neste debate.

Jérémie Mercier: Mesmo nessa altura, a certa altura, falávamos da possibilidade de transmissão da doença por superfícies infectadas. Mesmo isso, no final, não tem qualquer valor?

Denis Rancourt: Mais uma vez, podemos fazer medições científicas onde mostramos que um vírus pode sobreviver numa determinada superfície, seja ela de plástico ou metal. Pode estudar superfícies diferentes, mas não é relevante porque esse não é o vector de transmissão, mesmo que toque nesse vírus, mesmo que, em princípio, em teoria, pudesse então colocar os dedos na boca, e assim por diante. Não é uma forma eficiente de transmitir a doença, longe disso. E estas doenças são agora bem compreendidas e têm sempre um ciclo sazonal. São muito contagiosas no Inverno quando o ar está seco, quando a humidade absoluta é baixa, e não são nada contagiosas quando o ar está húmido, porque as partículas do aerossol condensam as moléculas de água e caem rapidamente, tornam-se mais pesadas e já não são transportadas pelo ar. Assim, o ciclo de contágio é muito bem conhecido, e conhecemos o mecanismo. Mas posso mostrar-vos alguns gráficos que ilustram isto. Por exemplo, não sei, temos vindo a estudar isto há décadas. Se olharmos para a mortalidade total ao longo dos anos, por exemplo, mostraremos um gráfico de 72 a 93 onde podemos ver, através de todas as pandemias e tudo, como a mortalidade por "todas as causas" varia ao longo do tempo. Esta é a mortalidade por mês ou por semana. Assim, há picos e cochinhos, por isso há picos de mortalidade durante o Inverno, quando o ar é seco em países de latitudes intermédias e cochinhos no Verão, quando o ar é húmido. Tem sido sempre assim. E estes tipos de doenças causam as mais elevadas, e ainda mais paragens cardíacas durante o Inverno, e isto seria devido à interacção entre estes vírus que causam stress respiratório e doenças cardíacas. Há estudos que demonstram isso. Assim, basicamente, compreendemos agora estes ciclos e compreendemos que os ciclos provêm do modo de transmissão. E todo o resto é um absurdo, sejam artigos científicos ou

não. Se formos sérios e olharmos realmente para ela e tentarmos compreender os conceitos e olharmos para a ciência e o nível de compreensão que temos dos modos de transmissão e do tipo de doenças que ela é, ela é transmitida por partículas de aerossol e as máscaras não podem fazer nada quanto a isso. Porque quando se expira, o fluxo de ar vai ser através daquelas pequenas aberturas que estão à volta da máscara, etc., e vai sair tão facilmente como vai entrar. E vai sair tão facilmente como entrou, por isso não protege a pessoa com quem se está - se usarmos uma máscara - nem a si próprio. Não reduz o risco de ser infectado se existirem tais partículas no espaço em que nos encontramos.

Jérémie Mercier: Isso significa de repente que, quando às vezes podemos ter a impressão de que o uso quase generalizado da máscara foi feito em certos países, em particular em países asiáticos como Japão, Coreia do Sul, Taiwan ou Cingapura, não foi a máscara que fez possível impedir a propagação da epidemia. É isso?

Denis Rancourt: É sempre complicado quando se quer dizer coisas como essas porque são necessários estudos. É necessário um estudo de campo científico sério. É necessária a verificação de infecções com medições laboratoriais. É necessário medir a densidade dos agentes patogénicos no ar. Andar por aí fora, em qualquer caso, é uma situação em que está em risco quando há correntes de ar, quando há vento? Eu diria que não. A maior parte do risco é dentro de casa, onde o ar está estagnado e as partículas são transportadas pelo ar. Torna-se um estudo complicado. Há também o fato de que essas variações sazonais que mostrei, não existem tais variações quando se está perto do equador, quando está sempre bastante úmido, o suficiente para condensar tais partículas de modo que não fiquem em suspensão. Há tantos factores. Há também a ideia de que "será que sabemos realmente quantas pessoas foram infectadas?" Quero dizer, a escala da China, será que sabemos quantas pessoas tiveram essencialmente uma infecção viral respiratória como essa, que curaram em suas casa? Temos coexistido e co-evolvido com vírus que causam estas doenças durante muito tempo. Já lá vai muito tempo. Os animais existem há milhares de anos, por isso não morremos deles. E na história, quando houve doenças deste tipo que foram particularmente virulentas, eu diria que na Idade Média, por exemplo, etc., estas foram também situações em que uma grande parte da população tinha um sistema imunitário que estava sob stress por razões de dieta, por razões de stress social, por razões de nutrientes. Por todo o tipo de razões, o sistema imunitário, o nível de saúde era muito mais baixo e a mortalidade era, em média, numa idade muito mais jovem, etc. Então pode ter havido... Porque o que é importante é que a infecção entre nos nossos pulmões. Depois disso, há toda uma batalha entre o sistema imunitário e o vírus. O vírus irá infectar uma ou mais primeiras células. O sistema imunitário tentará reconhecer pedaços de proteína daquele vírus na superfície daquela molécula. Se ele o vir e reconhecer como estrangeiro, matará essa célula antes de ter a oportunidade de produzir, de reproduzir o vírus e por isso há esta batalha dinâmica a decorrer dentro de nós. E isso é comum e é sempre assim. Agora, o sistema imunitário, para que seja suficientemente rápido, para que seja suficientemente rápido, requer muita energia metabólica. Se já está a gastar muita energia metabólica apenas a combater outras infecções, a combater o stress, etc., está desnutrido, é provável que morra deste novo agente

patogénico. O risco de morrer é muito maior. Assim, o estatuto imunitário da pessoa, do indivíduo, é muito mais importante para determinar se esse indivíduo irá sobreviver ou não, do que a natureza precisa do vírus em questão desse tipo.

Jérémie Mercier: Ok. Então há outra questão que surge, que é "uma vez que as máscaras não são úteis, existem gestos - porque falámos muito de gestos de barreira, particularmente em França - existem gestos que sejam úteis? Em particular, falámos em manter pelo menos um metro de distância dos outros, lavar as mãos frequentemente, utilizando gel hidroalcoólico. Será isso útil no contexto do Covid, que é uma doença respiratória viral?

Denis Rancourt: Não, absolutamente não. Há estudos que demonstraram que partículas grandes caíram dentro de um ou dois metros. Isso não tem nada a ver. O vector de transmissão são partículas de aerossol transportadas pelo ar que enchem o volume dos nossos estabelecimentos, locais onde houve pessoas infectadas. Quando se entra ali e se respira esse ar, está-se infectado, quer se tenha ou não uma máscara, e não tem nada a ver com alguns metros de distância. O espaço, o próprio volume do edifício, enche-se. Há estudos detalhados que o têm demonstrado. Recolheram amostras de ar a diferentes alturas em edifícios por todo o lado, e analisaram a densidade de agentes patogénicos que lá se encontravam com métodos genéticos. E foram capazes de mostrar como o ar está apenas cheio destas partículas de aerossol em suspensão. Quer seja em hospitais, em centros de cuidados infantis, em todo o lado na época destas doenças, há pessoas a andar por aí e há volumes como este que estão essencialmente fechados e estão cheios. E é assim que se obtém. Obtém-se visitando alguém, na sua casa, numa casa que é aquecida no Inverno. E não há grandes correntes de ar frio a passar por ali e a remover todas as partículas transportadas pelo ar. Não há forma de filtrar estas partículas, é demasiado fino. E é assim que é nos edifícios, nas instituições e nas casas onde visitamos as pessoas, é aí que se apanham estas doenças. Não tem nada a ver com os "dois metros". Pode sentar-se, comer numa mesa grande, estar a dois metros de distância e ter conversas. Se alguém teve uma constipação há alguns dias e já não tem quaisquer sintomas, em princípio ainda há partículas transportadas pelo ar. Há correntes de ar, ele se agita. Pode contrair esta doença dessa forma. Não tem a ver os "dois metros".

Jérémie Mercier: Assim, podemos lavar as nossas mãos cinquenta vezes com gel hidroalcoólico e usar uma máscara, mas isso não vai mudar nada.

Denis Rancourt: O vector de transmissão não é o contacto a contacto. Por isso, lavar as mãos não ajuda. Lavar as mãos é bom para agentes patogénicos do tipo em que é importante, tais como agentes patogénicos relacionados com excrementos, agentes patogénicos relacionados com substâncias mucosas, água cheia de bactérias muito nocivas, etc., porque foram adicionados nutrientes para que estes agentes patogénicos cresçam bem nessa água, pelo que não se deve tomar banho, não se deve beber a água é tudo uma questão de contacto. As doenças que são transmitidas sexualmente são também doenças de contacto. Mas as doenças respiratórias virais são completamente diferentes. O vector de transmissão é diferente. Lavar as mãos não faz muito bem. Fazemo-lo porque é um procedimento. Os médicos fazem-no porque é um procedimento. Mas também têm muitos outros agentes patogénicos com os quais têm de se

preocupar. Mas não, é inútil. Estamos num mundo em que não estamos a utilizar o conhecimento científico. Apenas fazemos qualquer coisa para nos darmos uma boa impressão de apoio à saúde pública.

Jérémie Mercier: Então também imagino que dá uma ilusão de segurança, enquanto que se quiséssemos ir até ao fim com esta ideia de nos protegermos do vírus, teríamos de estar vestidos quase como um fato de cosmonauta nos laboratórios P4 com um fato de sobrepressão e um fornecimento de oxigénio separado do espaço, certo?

Denis Rancourt: Sim, mas esses sistemas só são úteis em condições onde existem laboratórios de pesquisa que produzem patógenos específicos, que os modificam geneticamente. Eles não querem que isso chegue ao meio ambiente ou não querem contaminar suas amostras científicas com os patógenos que teríamos em nossos corpos. Portanto, existe um isolamento que se faz totalmente ao nível do ambiente da pessoa versus o laboratório. Então, em aplicações como essa, para pesquisas especializadas ou militares, faz um certo sentido, uma certa lógica fazer isso. Mas no mundo real, com pessoas reais que, a cada temporada, o sistema imunológico é apresentado a uma série de vírus como este, não é normal pensar nesses termos. Não queremos higienizar, preferimos viver com vírus, como sempre fizemos. Queremos que nosso sistema imunológico aprenda porque aprende e é treinado. E queremos ter boa saúde para que nosso sistema imunológico possa reagir quando for a hora de reagir.

Jérémie Mercier: De repente, esse aspecto do sistema imunológico, que eu saiba, está ausente do debate "científico oficial" de hoje, não falamos sobre isso!

Denis Rancourt: Não. Estamos numa espécie de mundo louco onde pensamos poder criar um ambiente estéril num ambiente real que está cheio de agentes patogénicos. Os biólogos dizem que "tudo está em todo o lado". Estou habituado a ouvi-lo em inglês "There is everything everywhere". E isso é verdade. E é quase impossível viver num ambiente estéril e mesmo num ambiente hospitalar onde as pessoas são colocadas em risco, abrindo-as para operações, etc., é essencialmente impossível prevenir infecções. É preciso tentar acompanhar a pessoa, colocá-la em condições de cura, utilizar métodos de intervenção quando há uma infecção. Mas a verdadeira prevenção através da esterilização é quase impossível.

Jérémie Mercier: Concordo. Assim, dada toda esta informação que está a partilhar connosco, nomeadamente que as medidas de barreira são inúteis no caso de infecções respiratórias virais, que a máscara também é inútil, mas ainda hoje temos agências de saúde, temos academias médicas, temos governos que a recomendam, e até exigimos que as pessoas usem uma máscara nos transportes públicos, em certas lojas, etc., como podemos resistir a isto, e existe alguma possibilidade de desobedecer a estas regras absurdas, que não se baseiam na ciência? Por exemplo, será que ter um artigo científico que aborde estes pontos permitiria responder a um controlador que, por exemplo, gostaria de o tirar do autocarro porque não tem a máscara obrigatória? O que podemos fazer?

Denis Rancourt: Se o controlador tiver conhecimentos científicos e for sensível aos argumentos científicos, isso poderia funcionar, mas penso que será bastante

raro encontrar tal controlador... Em qualquer caso, não são políticas, regras e leis que se baseiam na ciência. Por isso, não vejo como a ciência poderia ser usada para os contrariar. Porque é feita, é feita por razões políticas e de controlo, por isso é difícil... Não há arma mágica que seja científica que possamos realmente usar, mas a ciência ajuda-nos porque nos motiva pessoalmente. As pessoas que querem compreender, que querem aprender, que querem raciocinar, que querem justificar porque resistem e porque têm resistência, a ciência vai ajudá-las. Mas perante os juízes, a polícia e os políticos, não há quase nada. Quase não há argumentos científicos que possam funcionar porque são insensíveis a estes argumentos.

Jérémye Mercier: E existe algum perigo - porque falámos do facto de a máscara ser inútil no caso da epidemia de Covid - o uso de uma máscara durante demasiado tempo também pode ter um risco para a saúde, por exemplo?

Denis Rancourt: Uma das coisas que tem sido provada por estudos comparativos é que os trabalhadores nos hospitais, em ambientes de cuidados de saúde, que usam máscaras versus os que não as usam, têm muito mais dores de cabeça. Isto é estatisticamente válido, foi demonstrado. Este é um dos efeitos negativos que foi absolutamente comprovado, e não há nenhum efeito positivo em termos de redução do risco. Então, isso é o que se sabe. Quanto ao resto, torna-se: o que pensamos dos mecanismos, o que pensamos que é possível? Podemos imaginar todos os tipos de perigos relacionados com a máscara. Claro que, se uma pessoa é frágil no hospital, não queremos colocar-lhe uma máscara, queremos ajudá-lo a respirar o mais possível. Claro que, alguém que tem de respirar com muita força porque está a fazer um exercício rigoroso, talvez seja melhor não colocar uma máscara. Se está habituado a fazer um esforço realmente vigoroso e faz esse mesmo esforço durante muito tempo, mas desta vez coloca uma máscara porque lhe disseram para colocar uma máscara, isso pode colocá-lo em perigo. Há relatos de pessoas que se sentem fracas, etc., que tiveram acidentes de carro porque não respiraram suficientemente bem no seu carro enquanto usavam uma máscara, etc. Mas estas são anedotas. Estes não são estudos sistemáticos e rigorosos, mas são anedotas. Há também o facto de a máscara acumular tudo no ar e depois ser manipulada, talvez volte a ser colocada, não sei, mas podemos inventar todo o tipo de cenários, mas estas não são coisas que se saiba. Não tem havido estudos comparativos sérios.

Jérémye Mercier: E o que diz isso sobre a nossa sociedade, esta massa de pessoas que hoje saem de máscara quando não há razão válida para sair de máscara do ponto de vista da saúde?

Denis Rancourt: Mas estas são pessoas que acreditam na autoridade, no que lhes é dito, e que querem fazer bem e fazer o que os outros fazem. Estão na sociedade e não se atrevem a ser a pessoa que contradiz esta boa maneira de fazer as coisas. Mas há um perigo quando o Estado impõe uma regra que não se baseia na ciência e não tem realmente uma razão para existir. E que aceitamos esta regra por razões de autoridade e por razões que não sejam boas razões e regras que mudam completamente o nosso comportamento. O perigo é que nos habituemos a aceitar regras através do processo de autoridade, e assim aproxima-nos gradualmente de um Estado totalitário, nesta lenta marcha em direcção ao Estado totalitário. Isso nos puxa para isso. E este é um efeito

real que eu acredito. Houve estudos científicos que falaram sobre isto, e eu penso que é um fenómeno real. A sociedade tem uma tendência, à medida que se desenvolve - é uma hierarquia de domínio - e nós tendemos a derivar para um estado totalitário. E temos de lutar para trazer as coisas de volta de vez em quando. Portanto, penso que aceitar regras como essa, sem razão, vai nessa direcção. E isso é um perigo real para a sociedade, penso eu.

Jérémie Mercier: E, última pergunta - por isso o seu artigo sobre máscaras tem um forte impacto na Internet, já foi lido centenas de milhares de vezes - será que isso o faz querer submetê-lo a um jornal de avaliação por pares para talvez lhe dar autoridade adicional?

Denis Rancourt: Talvez isso possa dar a ele alguma autoridade extra, mas ele já teve todo o impacto que vai ter. Todos os investigadores na área leram-no e não o vão citar porque não está numa revista, mas pelo menos leram-no, consideraram-no, até o comentaram, enviaram-me mensagens. A informação está lá fora, a mensagem está lá fora, e até os investigadores na área sabem que sou uma pessoa séria que vai ser muito crítica do que vão fazer a partir deste ponto e dos estudos que vão sair. E agora eles conhecem os critérios que utilizo para criticar o seu trabalho porque critiquei artigos no meu artigo de revista e por isso já teve o seu impacto. E o processo de revisão da jornais é um processo frustrante em que é preciso sanear as palavras e não se pode ser demasiado directo, mesmo quando se tem uma conclusão científica que é firme. Não se pode utilizar linguagem directa, etc. Sei isto bem porque já submeti mais de uma centena de artigos a revistas deste tipo e foram bem citados, etc. Uma das minhas áreas de investigação, a propósito, são as nanopartículas no ambiente, por isso os aerossóis, tudo isso, é algo que eu conheço bem. Mas é frustrante o processo de revisão, porque os concorrentes que escreveram artigos sobre máscaras vão ler o meu artigo e, na sua introdução, fizeram poucos comentários para vender a sua salada como: "as máscaras podem ajudar, é possível que as máscaras ajudem." E eles vão ficar muito frustrados com um artigo muito definitivo que diz "olha, não houve um único estudo que mostre um benefício que seja estatisticamente válido". Isso frustra as pessoas e, portanto, os revisores fazem comentários negativos. Depois disso, entramos em discussões com a editora. Não quero perder o meu tempo a fazer esse tipo de coisas. As pessoas podem avaliar os meus argumentos, rejeitá-los se quiserem, ignorá-los se quiserem, não me interessa.

Jérémie Mercier: Então você recebeu muitos feedbacks de engenheiros, pesquisadores e cientistas nesta área. Existem pessoas que lhe trouxeram argumentos que poderiam ter mudado um pouco a sua opinião, conforme expresso no artigo?

Denis Rancourt: Não, recebi muitos comentários e muitas críticas, mas não houve nada que derrotasse os aspectos rigorosos do que eu tinha concluído. Por exemplo, muitas pessoas disseram "Não, mas há muitos estudos que mostram que as máscaras param as gotas de todo o tipo". Isso é irrelevante porque não estamos aqui a falar de gotículas, é um mecanismo - como eu disse - de partículas finas de aerossol. É a fluidez do ar que é importante, a fluidez do ar, por isso não está relacionada. Não é por conseguirmos demonstrar que um tecido ou uma máscara pára as gotas que ela é relevante.

Jérémie Mercier: E, no entanto, este é o argumento sempre utilizado de facto!

Denis Rancourt: Sim, porque é visual... mas o argumento assume que o vector de propagação é através destas gotículas. Se retirarmos, se puxarmos este tapete de debaixo dos pés das pessoas, já não há qualquer argumento. E não é realmente o vector de propagação. Sim, no laboratório, pode causar uma infecção ao tomar líquido de uma pessoa infectada, injectando-o no nariz ou nos pulmões de uma pessoa, pode infectar com sucesso. Mas da forma natural, no contágio dessa doença, não é assim que ela acontece, por isso não é relevante. O facto de ser possível não é relevante. A verdadeira questão é "numa epidemia, o que acontece e qual é o vector de propagação?"

Jérémie Mercier: Só para terminar agora, o que você aconselharia a todas aquelas pessoas que têm estado em pânico durante vários meses com a confinamento, que têm visto o número de mortes aumentar todos os dias, que têm ouvido todas estas recomendações de fazer estas acções de barreira, evitar outras, se isolarem, lavarem as mãos com gel hidroalcoólico, colocarem uma máscara, etc.? O que podemos dizer a estas pessoas?

Denis Rancourt: O que podemos dizer a alguém que tenha sido apavorado por coisas que ouviu na televisão ou na Internet? O que se pode dizer a alguém que sente pânico ou medo, simplesmente porque o governo diz coisas e diz que as autoridades sanitárias disseram isto ou aquilo, e não com base no seu senso comum, na sua experiência pessoal, onde viveram durante várias estações, onde tiveram este tipo de doença. E ele não faz a pergunta: "Mas se dizem que é uma doença grave, quantas pessoas mais do que o normal morreram? Pode dar-me esse número? Não me diga quantas pessoas já testou para esta coisa com um teste que não compreendo. Diz-me se há realmente mais pessoas a morrer." E quando se faz essa pergunta, a resposta é muito clara e eu poderia mostrar-lhe outro gráfico, por exemplo. Isto é "mortalidade por todas as causas" em função do tempo na Europa, para toda a Europa. E aqui vemos o pico recente, este é o pico Covid, mas é muito mais fino do que os outros. A área sob os picos em função do tempo, e podemos ir muito mais longe e ainda mais longe. Não há mais pessoas a morrer. E este pico muito fino, podemos compreendê-lo. Ocorreu em Nova Iorque, na cidade de Nova Iorque, e teve lugar em Inglaterra. Há muitos estados, grandes estados onde não existe tal pico. Não há nada a acontecer. Por exemplo, posso mostrar-vos a Califórnia, que tem uma população maior do que a do Canadá. E depois não há aqui nenhum espigão que seria devido ao Covid. E as linhas vermelhas que coloco são onde foi anunciado como uma pandemia. A partir desse momento, toda a gente via Covid em todo o lado. O pico em questão é devido - agora compreendemos - ao facto de muitas jurisdições terem enviado os seus pacientes que se encontravam em hospitais, em centros de terceira idade, em centros de saúde que não hospitais, para libertar os hospitais em preparação para uma epidemia que nunca existiu, ou quase nunca existiu. Assim, aceleraram a infecção de instituições inteiras, cheias de pessoas muito vulneráveis. E assim houve um aumento muito rápido da mortalidade e por isso é muito dramático em Nova Iorque e assim por diante. E é devido a estes métodos de funcionamento. Além disso, nos Estados Unidos estavam a tratar os mais doentes com ventiladores mecânicos. Há um estudo científico rigoroso que mostrou que estes ventiladores mataram as pessoas a quem foram impostos. Tem havido mortes aceleradas devido às políticas de

resposta a uma chamada pandemia, mas não houve mais mortes no total do que as que normalmente ocorrem em qualquer estação do ano devido a este tipo de doença.

Jérémie Mercier: Assim, artificialmente, algures, devido a políticas inadequadas, criámos um pico de mortalidade durante um período de tempo bastante curto...

Denis Rancourt: Em alguns lugares onde estas políticas absolutamente prejudiciais e absolutamente horríveis foram aplicadas. Por exemplo, tenho aqui o gráfico de Inglaterra e País de Gales, onde se pode ver de uma época para a seguinte - a área sob o pico é a mortalidade total para essa época - e recentemente houve este grande pico. Não há mais mortes. A área total é mais ou menos a mesma, ok? E a razão pela qual mais pessoas morreram é porque estavam stressadas e pessoas que poderiam não ter morrido, morreram por causa do seu nível de stress. Os danos que causámos aos seus sistemas imunitários ao virar as suas vidas de cabeça para baixo e assim por diante. Mas é um pequeno efeito. Basicamente, não se registaram mais mortes. Não foi uma pandemia que criou mais mortes embutidas do que sempre há em cada estação do ano.

Jérémie Mercier: Assim, estatisticamente, dando um passo atrás, não há mortalidade excessiva em comparação com o habitual.

Denis Rancourt: É verdade, quer dizer, não é sequer estatístico. São números realmente sólidos, podemos olhar para cada estação e integrá-los ao longo de um ano. Podemos olhar para o excesso de mortes por todas as causas e podemos ver que isto se enquadra na norma. Havia locais onde havia mais mortes, onde eram mortas, em locais onde havia políticas aberrantes. Mas, em geral, não havia pessoas mortas nas ruas. Não existiam morgues demasiado cheias, não havia nada disso.

Jérémie Mercier: Ok, então, é assim que podemos tranquilizar estas pessoas, que apesar de toda a propaganda mediática, no final, não há um excesso de mortalidade incomum.

Denis Rancourt: Bem, não sei se podemos tranquilizar estas pessoas. Espero que cheguem ao fundo dos seus medos, que isso os pressione tanto e que sejam finalmente forçados a desistir e a perceber que não estão mortos. E depois que têm de continuar, que há algo de psicológico a acontecer ali. Mas não é tão racional, este medo. E é tão baseado no que ouvimos. Faz-me lembrar um pouco os babuínos na selva a passear numa tropa. E um deles vê ali uma espécie de coisa agitada e pensa que pode ser um leão assassino de babuínos, e começa a gritar e corre para as árvores e toda a gente começa a gritar e corre para as árvores. Sobem às árvores, gastam muita energia e permanecem nas árvores durante muito tempo... até que, já observaram o tempo suficiente, não viram um leão, não viram nenhum perigo. Depois, lentamente, voltarão a descer... até à próxima vez que alguém se zangue, vai gritar, e depois a mesma coisa vai acontecer. Somos animais sociais numa hierarquia de dominância. Comportamo-nos dessa forma. É difícil argumentar com as pessoas quando estão a reagir a um grito e depois só querem correr para a árvore.

Jérémie Mercier: Muito bem, penso que essa imagem é muito reveladora. De qualquer modo, obrigado pela partilha. Bem, de qualquer modo, penso que já cobrimos tudo. Penso que se conseguiu chegar ao fim deste vídeo, compreendeu: que as máscaras são inúteis no contexto da epidemia de Covid, que as medidas de barreira são inúteis, pelo contrário, é um caminho real para o estabelecimento de um Estado cada vez mais autoritário e que nos comportamos como babuínos, certo? É isso mesmo. Bem, em qualquer caso, muito obrigado, Denis Rancourt, por estas explicações muito claras, muito relevantes, eu diria até mesmo de senso comum invulgar. Porque temos visto tão pouco senso comum durante este caso Covid que é realmente bom ouvir isso e ver o rigor intelectual que tem e que transmitiu através deste artigo. Portanto, está em inglês, vou colocar o link no vídeo. Não sei se... Acho que também há uma versão francesa, certo?

Denis Rancourt: Não, escrevi um artigo em inglês que criticava a política canadiana. E esse artigo foi traduzido para francês.

Jérémie Mercier: Ok, vou colocar os links por baixo do vídeo, e convido-vos a comentar o vídeo e a partilhá-lo porque é tempo de voltarmos à razão, de voltarmos a algo mais racional e de deixarmos de acreditar em coisas que não se baseiam de todo na ciência, mas em crenças, em "pensamos que é assim porque parece lógico", quando na realidade não é de todo lógico, nem verificado, nem nada. Muito obrigado, Denis Rancourt.

Denis Rancourt: Isso me deixou feliz. Foi um prazer estar convosco.

Jérémie Mercier: Até breve, adeus!

Denis Rancourt: Igualmente.

[Fim da Entrevista]

Caros amigos, há vários outros artigos muito interessantes que expõem o projecto satânico chamado Covid-19, e o objectivo procurado pela raça dos víboras que governam este mundo. Encontrará estes artigos no website www.mcreveil.org, na Secção de Saúde e na Secção Illuminati. Faça o esforço de ler estes artigos, e partilhe-os tanto quanto possível, a fim de alertar o maior número possível de pessoas enquanto ainda há tempo.

***A graça seja com todos os que amam a nosso Senhor
Jesus Cristo em sinceridade!***

Convite

Queridos irmãos e irmãs,

Se fugiu das falsas igrejas e quer saber o que deve fazer, aqui estão as duas soluções à sua disposição:

1- Veja se à sua volta há outros filhos de Deus que temem a Deus e desejam viver de acordo com a sã doutrina. Se encontrar algum, sintase à vontade para se juntar a eles.

2- Se não encontrar nenhum e desejar juntar-se a nós, as nossas portas estão abertas para si. A única coisa que lhe pediremos é que leia primeiro todos os Ensinamentos que o Senhor nos deu, e que podem ser encontrados no nosso site www.mcreveil.org, para lhe assegurar que estão em conformidade com a Bíblia. Se os achar que estão de acordo com a Bíblia, e se estiver disposto a submeter-se a Jesus Cristo, e viver de acordo com as exigências da Sua palavra, nós o receberemos com alegria.

A graça do Senhor Jesus Cristo seja convosco!